

## BRANDÃO E BERNARDO: NARRATIVA, FILOSOFIA E FICÇÃO

Thiago Alves Valente (UENP)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apontar algumas características temáticas e estruturais da obra *Monte Veritá* (2009), de Gustavo Bernardo (1955-), como aspectos da literatura juvenil contemporânea. Temas como fome, miséria, guerra, meio ambiente, entre outros, que preocupam filósofos e cientistas das mais diversas vertentes, apresentam-se na literatura para jovens de Bernardo – em sua narrativa, aqui analisada, a população mundial, ao longo de seis semanas é informada, em todas as línguas e suportes midiáticos existentes sobre seis mudanças radicais em suas vidas: 1) o desaparecimento de todas as armas de destruição em massa; 2) a diminuição drástica da taxa de natalidade dos seres humanos; 3) a limpeza de todo o tipo de sujeira do planeta; 4) o desaparecimento dos combustíveis fósseis; 5) a equivalência de força dos animais de outras espécies para se protegerem do ser humano; 6) a promulgação de uma lei universal sobre o respeito para com os seres vivos. Preocupações presentes também em obras anteriores, como, por exemplo, *Não verás país nenhum* (2007), de Ignácio de Loyola Brandão (1936-), publicado pela primeira vez em 1981, premiado como melhor livro latino-americano publicado na Itália, em 1983, pelo Instituto Ítalo-Latino Americano (ILLA). A qualidade literária do texto de Gustavo Bernardo merece atenção por evitar o pedagogismo comum em abordagens dos grandes temas da civilização.

Palavras-chave: Literatura. Juvenil. Filosofia.

O campo literário “juvenil” caracteriza-se por uma profusão de temas e formas narrativas que demonstram o vigor deste segmento de atividade intelectual. Ceccantini, em matéria publicada no informativo *Notícias* (nº 09) da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), de setembro de 2010, intitulada “Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008”, destaca os elementos característicos dessa produção, os quais têm, na circulação do material de leitura, seja em papel, seja virtual, um ponto de convergência definidor para o que se pode chamar de *literatura juvenil*:

há hoje um reconhecimento muito mais generalizado de que, para além de constituir um fenômeno graúdo de mercado responsável por um percentual dos mais significativos no todo das vendas do universo editorial, a literatura infantil e juvenil no país é coisa de “gente

grande”, possui autonomia, se espraia em um número elevado de títulos da mais variada natureza, havendo entre esses títulos obras de muito bom nível. (CECCANTINI, 2010, p.2)

Ainda sobre a literatura "juvenil", Aguiar chama a atenção para aspectos estruturais da narrativa em consonância com os temáticos:

Tal produção se desenvolve no cenário da literatura em geral, valendo-se, portanto, das representações e dos recursos estéticos consagrados, ao mesmo tempo em que parece marcar um leitor específico, que vai se desenhando no texto, e com o qual o narrador dialoga. Esse leitor implícito, afinado com os jovens que vivem no mundo de hoje, traz, assim, para a diegese, a voz desse novo público. (AGUIAR, 2014, p.106)

Toma corpo, portanto, um conjunto de temas, motes narrativos considerados típicos ou recorrentes no circuito de publicações para jovens leitores. Mesmo naqueles taxados como “polêmicos”, nota-se uma centralização em questões subjetivas, individuais, evidentemente, em grande medida, característica de um período de buscas identitárias. Para Martha, essa ficção para crianças e jovens pode ser traduzida na adesão das narrativas ficcionais ao que identifica como “temas de fronteira”:

[..] Os temas de fronteira em obras para crianças e jovens – compreendidos como situações-limite que configurem, no plano ficcional, etapas da evolução vividas pelo ser humano – ganharam força e podem ser aliados importantes para que esses leitores reconheçam suas angústias, faces diversas do medo que enfrentam cotidianamente – morte, separações, violência, crises de identidade, escolhas, relacionamentos, perdas, afetividades - a partir da leitura de narrativas contemporâneas. (MARTHA, 2010, p.03)

No mesmo artigo, “Narrativas de Língua Portuguesa: temas de fronteira para crianças e jovens”, Martha caracteriza as personagens juvenis das narrativas da primeira década deste século da seguinte forma:

[...] Vivem em espaços essencialmente urbanos, em grandes cidades; pertencem a núcleos familiares que indicam rupturas e novas formulações – pais separados e com novos parceiros - frequentam

escolas, praticam esportes, namoram, mantêm relações de amizade e adoram a convivência com jovens da mesma idade. São, enfim, representações de crianças e adolescentes que conhecemos e, ao lado dos quais, como coadjuvantes, atuam mães, pais, novos parceiros dos pais, professores e tios, adultos cumprindo funções nem sempre agradáveis na estrutura das intrigas.

Ainda no que se refere ao processo de construção das personagens, o fato de que a infância e a adolescência não sejam vistas como preparação para a maturidade, mas enfocadas como etapas decisivas no processo de vida, plenas de significado e valor, portanto, desperta a atenção dos leitores. Em outras palavras, as personagens não são construídas como ainda-não-adultos ou como já-não-mais-crianças, mas como portadoras de uma identidade própria e completa. É verdade também que se envolvem em situações que as obrigam a refletir e a reformular conceitos que possuem a respeito de si mesmas e do mundo. (MARTHA, 2010, p.20)

Em uma visada temática, é importante notar, ainda, que a crítica literária sobre obras para crianças e jovens, embora numericamente pequena, mas qualitativamente empenhada, combate posicionamentos identificados como “pedagogizantes” ou “didatizantes”, cuja tendência é a sobreposição de ensinamentos ou doutrinamentos ao teor literário de uma obra. Arriscando uma reflexão não lastreada por dados ou pesquisas mais substanciais, ou seja, recorrendo à percepção e à observação empírica em eventos acadêmicos, publicações, chamadas/editais, pode-se afirmar que a chancela crítica legítima, indiretamente, alguns temas como “literários” em detrimento aos “não literários”. Mesmo não implicando em uma questão valorativa, esse quadro – que fica por analisar em pesquisas futuras – torna uma obra como *Monte Veritá* (2009), de Gustavo Bernardo, um objeto merecedor de atenção.

Tributária de questões caras à civilização contemporânea, o livro de Bernardo dialoga com obras como *Não verás país nenhum* (2007), de Ignácio de Loyola Brandão, publicada pela primeira vez em 1981, mas, infelizmente, com uma exposição de situações-limite assustadoramente atuais: “E, aqui, o que há? Um país subdesenvolvido vivendo em clima de ficção científica.” (BRANDÃO, 2007, p.109). Deixando a comparação mais acurada para outro momento, cabe frisar que a opção pela ficção científica, por Brandão, permite ao texto um ritmo narrativo que também se mantém atual, potencialmente envolvente quanto a leitores mais jovens. Bernardo, por sua vez,

opta por um texto baseado na metaficção, em que a escrita expurga os medos e os pecados da humanidade, convidando o leitor juvenil a pensar sobre o mundo: “Ele escreveu para tentar reencontrar a filha. Ele escreveu também para identificar e quiçá atingir os assassinos da sua mulher.” (BERNARDO, 2009, p.99).

Pensar sobre si mesmo no “mundo” é um diferencial de *Monte Veritá*. Em meio a uma produção marcada amplamente pelas questões subjetivas, o escritor empreende um trabalho pouco realizado nas letras brasileiras, a do ensaio filosófico imerso no universo literário ou ficcional. Na contramão também de publicações como *O pequeno filósofo* (2011), de Gabriel Chalita, focado em ensinamentos aos mais novos; ou de paradidáticos como *Iara e a arca da filosofia* (2008), de Maurício Abdala, voltado ao ensino de Filosofia por meio de uma narrativa ficcional, *Monte Veritá* convida a uma visita aos problemas macroestruturais da civilização, lançando ao leitor o convite para pensar “e se...”.

Nomeando tanto uma localidade na região de Ascona, parte italiana da Suíça, quanto um hotel fundado no início do século XX, como colônia para um grupo de vegetarianos, o espaço da narrativa ganha relevância porque ali se encontram importantes nomes da intelectualidade ocidental, discutindo problemas da humanidade. É o local onde também se encontra Manuel, protagonista da narrativa, com um papagaio ao ombro – ambos seres deslocados de seus *habitats* comuns e inseridos num cenário em que cabem apenas como pitorescos representantes da diversidade humana e animal: “Embora formado em Economia, ele trabalha no hotel como garçom. É o que lhe permitem” (BERNARDO, 2009, p.10).

Logo o leitor entra em contato com as drásticas propostas da força misteriosa, posteriormente identificada com o protagonista. A população mundial, ao longo de seis semanas, sempre aos domingos, é informada, em todas as línguas e suportes midiáticos existentes, sobre seis mudanças radicais em suas vidas: 1) o desaparecimento de todas as armas de destruição em massa; 2) a diminuição drástica da taxa de natalidade dos seres humanos; 3) a limpeza de todo o tipo de sujeira do planeta; 4) o desaparecimento dos combustíveis fósseis; 5) a equivalência de força dos animais de outras espécies para

se protegerem do ser humano; 6) a promulgação de uma lei universal sobre o respeito para com os seres vivos.

A adesão a problemas tão amplos faz com que a narrativa adentre horizontes temáticos como o da distopia, permitindo o retorno da literatura juvenil para questões de ideais e projetos de vida. Projetos de vida considerados, ao menos nas duas últimas décadas, como “ultrapassados” pela perspectiva de analistas da pós-modernidade, o que é assim problematizado por Bauman:

Os limites da desigualdade ainda não foram atingidos (ou seja, limites de desigualdade que aqueles, cuja opinião conta, e aqueles capazes de fazer suas opiniões serem contadas, estejam dispostos a considerar "toleráveis", ou melhor, não considerar em absoluto). A troca desigual é autoperpetuante; ela precipita os desequilíbrios do poder econômico e militar que estende os "limites de tolerabilidade" da desigualdade e permite ao lado privilegiado da troca romper sempre novas barreiras à exploração. A "boa imprensa", de que atualmente goza a desigualdade em todas as ilhas de privilégio, o clima de opinião em que é de bom tom considerar com desagrado "utopias igualitárias", apelar aos pobres e miseráveis a "se ajudarem a si mesmos", considerar o "estado de bem-estar" como um fracasso e toda redistribuição societariamente administrada de renda contraprodutiva, proclamar a fome e o desemprego das massas como preço aceitável da liberdade — são sinais seguros de que outra barreira, a ética, está em processo de se romper (ou, antes, que a pretensão de respeitá-la precisa ser sacudida quando o chão começa a tremer sob os pés das "sociedades avançadas", que agora estão achando o "avanço" cada vez mais difícil de sustentar, e quando o-corte-de-gargantas substitui a missão civilizadora). Os imensos déficits comerciais publicamente administrados pelo crescente número de "países avançados" desmascaram a natureza expropriatória do "livre comércio", embora os devedores "avançados" façam o máximo para afogar a revelação no barulho em torno das dívidas dos desprivilegiados que se erguem até os céus. A mentira do século - batizando as partes drenadas do globo como países "em desenvolvimento" — ainda ajuda a atenuar o dissenso e a resistência contra a exploração, brandindo a miragem de "alcançar" os ricos perante os olhos dos pobres, enquanto ainda se pode contar com intervenções militares seletivas para impedir que o dissenso invejoso se cristalice em oposição viável. Os limites são tênues, e podem-se estirar se empurrados com muita força e se ninguém do outro lado tiver força e determinação para resistir ao empurrão. Não há nenhum ponto claro em que se possa dizer com confiança que a comida da cauda terminou e começou a comida da cobra. Apropria cobra, infelizmente, nunca teria a oportunidade de saber que se ultrapassou o ponto. (BAUMAN, 1997, p.244-45)

Em outros termos, enxergar no jovem de hoje a possibilidade de uma utopia seria uma anacronia ou uma insensatez, de acordo com certo senso comum da pós-modernidade ; é o mesmo filósofo que provoca o leitor de hoje a pensar sobre conceitos que, travestidos de certezas, escondem a acomodação frente aos desafios de uma sociedade mais justa:

(...) o clima de opinião em que é de bom tom considerar com desagrado "utopias igualitárias", apelar aos pobres e miseráveis a "se ajudarem a si mesmos", considerar o "estado de bem-estar" como um fracasso e toda redistribuição societariamente administrada de renda contraprodutiva, proclamar a fome e o desemprego das massas como preço aceitável da liberdade — são sinais seguros de que outra barreira, a ética, está em processo de se romper (...). (BAUMAN, 1997, p.244)

Em uma visada teórica problematizadora, Eagleton afirma que a Teoria Cultural surge como continuidade ao marxismo – porém, ela explica o mundo sem se propor a ações políticas – “A mudança do marxismo ocidental para a cultura nasceu, parcialmente, da impotência e do desencanto político.” (EAGLETON, 2010, p.52). Desencanto refletido nas artes, na literatura, abandonando, inconscientemente, temas candentes que não se esgotam em abordagens instrumentais ou pedagogizantes. A ideologia, em sentido amplo, continua a ser matéria da literatura, como muito bem dimensiona Bauman:

(...) Em nossos tempos, deslegitimou-se a idéia de auto-sacrifício; as pessoas não são estimuladas ou desejosas de se lançar na busca de ideais morais e cultivar valores morais; os políticos depuseram as utopias; e os idealistas de ontem tornaram-se pragmáticos. O mais universal de nossos *slogans* é "Nenhum excesso!" A nossa era é era de individualismo não-adulterado e de busca de boa vida, limitada só pela exigência de tolerância (quando casada com individualismo autocelebrativo e livre de escrúpulos, a tolerância só se pode expressar como indiferença). (BAUMAN, 1997, p.07)

Encerrando esta breve apresentação e reflexão sobre *Monte Veritá*, reitera-se o mérito da obra como texto literário direcionado a leitores jovens, preocupado, ao não escamotear os dilemas da contemporaneidade, em convidar seus leitores a experiências de alteridade. Para isso, o texto não subjuga o leitor, antes apresenta-o a Immanuel Kant (1724-1804); nega a ideia pós-moderna (questionável) de desencanto pela Filosofia e pelos ideais; e recoloca no centro de uma narrativa ficcional o pensamento e a indagação existencial. Em última análise, chama a atenção do leitor jovem, instiga sua inteligência e o convida a voos mais altos por meio da imaginação e da reflexão.

### Referências

ABDALA, Maurício. **Iara e a arca da filosofia**. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2008.

AGUIAR, Vera Teixeira de. A voz do gênero na literatura juvenil: o lugar do narrador.

MENDES, Algemira de Macêdo; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. (Org.)

**Literatura e gênero: relações de poder e representações literárias**. Teresina: EDUFPI, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética na pós-modernidade**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BERNARDO, Gustavo. **Monte Veritá**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2009.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. 25. ed. São Paulo: Global, 2007.

CECCANTINI, João Luís. Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008. In: **FNLIJ Notícias**. Rio de Janeiro, set. 2010.

CHALITA, Gabriel. **O pequeno filósofo**. Ilustr. Thais Linhares. São Paulo: Globo, 2011.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Narrativas de Língua Portuguesa: temas de fronteira para crianças e jovens. **Anais do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – a Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora: Universidade de Évora, 2009. Disponível em:

<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt59/02.pdf> Acesso em: 03 out. 2012.



XIV Congresso Internacional  
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias

ANAIS ELETRÔNICOS  
ISSN 2317-157X